



(<https://focusonthekingdom.org/>)

# Procurado por Assassinato: João Calvino

## (Parte 1)

**Título Original** (em Inglês):  
“*Wanted for Murder: John Calvin*  
(Partes 1, 2 y 3)”.

**Tradução** (Translation):  
**Fernando Coutinho Sánchez**  
(ferjosousan@gmail.com)  
Machalí - Osorno, Chile,  
setembro de 2024

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



Mentiu, traiu, assediou e, por fim, assassinou um colega cristão. *João Calvino*, o francês, nascido *Jean Chauvin*, encontrou um homem que não conseguia intimidar e cujos argumentos não conseguia refutar. O homem que assassinou foi uma das maiores mentes do século XVI e rival do igualmente brilhante *João Calvino*. O grande reformador não se contentou com uma simples execução, exigiu tortura e queima lenta com lenha verde para fazer com que o seu adversário sofresse muito.

É a extraordinária história de um corajoso estudioso, de uma heresia fatal e de um dos livros mais raros do mundo. Antes de *Miguel Servet* (1511-1553) encontrar o seu destino nas mãos de *João Calvino*, este homem excepcional tinha conseguido coisas verdadeiramente surpreendentes. A sua vida coincidiu com a invenção dos tipos móveis por *Johann Gutenberg*, a Inquisição Católica e a Reforma Protestante. Utilizou o crescente poder da imprensa para publicar as suas valiosas pesquisas, o que lhe valeu a ira das inquisições espanhola e francesa e, fatalmente, a ira do reformador *João Calvino*.

Nascido em Espanha numa família de classe média, destacou-se pela sua erudição. *Lawrence e Nancy Goldstone*, na sua nova peça “*Out of the Flames*” (Fora das chamas) (Broadway Books, 2002), contam-nos que “aos treze anos, para além da sua língua materna, sabia ler francês, grego, latim e, sobretudo, hebraico.

Na maior parte do mundo cristão, o hebraico era uma língua proibida. Era considerada perigosa, mística e subversiva. A Igreja opôs-se veementemente a isso: o conhecimento do hebraico significava que o Antigo Testamento podia ser lido na sua forma original... O hebraico, quando ensinado, era quase sempre ensinado em segredo e por um judeu.”

O estudioso *Servet* estudou a Bíblia, uma atividade que a Igreja considerava subversiva, e a sua leitura poderia levar à prisão ou à morte – uma das muitas formas pelas quais a Igreja manteve o seu controlo durante mais de mil anos. A erudição de *Servet* levou-o um passo mais longe, pois acrescentou o árabe ao seu repertório para ler o Alcorão. Tinha ainda dezassete anos. Frequentou e obteve diplomas nas melhores universidades de França e da Alemanha. O seu amor era a teologia e tornou-se muito bom nisso.

Desgostoso com aquilo a que chamou corrupção romana, *Servet* queria que a Igreja regressasse à sua pureza original. Pensava que os reformadores como *Lutero* não tinham ido suficientemente longe. Os *Goldstone* observam: “Sem a vontade de atacar os preceitos fundamentais do dogma católico, gritou *Servet*, nenhuma reforma significativa seria imaginável – não poderia haver restauração possível do cristianismo mais simples e generoso proposto pelo próprio Jesus. *Servet* elaborou o seu próprio plano de batalha para expurgar o Cristianismo da corrupção romana. Tudo, insistiu, voltou para a Trindade”.

O maior debate na Igreja foi decidido no ano 325, quando em Niceia o Imperador *Constantino* deu a sua aprovação a uma nova interpretação das pessoas de Deus e de Jesus, e acrescentou uma terceira pessoa, o Espírito Santo, a uma única divindade. O puro monoteísmo de Moisés, dos profetas, de Jesus e da Igreja primitiva desapareceu. A hierarquia da Igreja criou uma nova divindade com três deuses, misticamente unidos num “só Deus”. *Servet* decidiu demonstrar que toda a doutrina não era bíblica.

“*Servet*, cuja erudição bíblica, mesmo aos dezanove anos, era colossal, sabia que nada do Credo Niceno era mencionado ou sequer sugerido nas Escrituras, que tivesse lido no original hebraico e grego. Não encontrou “nenhuma palavra sobre a Trindade, nem sobre as suas Pessoas, nem sobre a Essência, nem sobre a unidade da Substância”. A Trindade foi uma invenção – puro misticismo – e o Cristianismo nunca poderia ser purificado enquanto não fosse despojado dela”.

*Servet* percebeu que as pessoas deveriam respeitar a sua religião e adorar de acordo com o seu conceito de Deus. Um conceito corrupto produziria uma religião corrupta. Encontrou uma tipografia e o seu primeiro livro, “*De Trinitatis Erroribus*” (Sobre os Erros da Trindade), deu a volta ao mundo. Foi uma bofetada na cara da Igreja e do seu herói, *Santo Agostinho*. Foi um trabalho rigoroso que citou mais de trinta fontes em latim, grego, hebraico e árabe. Esperava ingenuamente que os estudiosos honestos aceitassem o seu desafio ao conceito mais sagrado do Cristianismo Romano. Isto causou comoção e levou a Inquisição Espanhola a emitir uma ordem para a sua prisão e execução.

O jovem estudioso fugiu para França, mudou de nome, voltou à universidade e tornou-se médico. Era tão bom na sua nova profissão que se tornou médico pessoal da realeza francesa, sendo pioneiro em novos procedimentos, ensinando estudantes de medicina e escrevendo livros sobre anatomia. Mas a teologia continuou a ser o seu primeiro amor. Usando o seu pseudónimo, contratou *João Calvino* e ofereceu-lhe uma crítica página a página da enorme obra de *Calvino*, “*Christianae Religiois Institutio*” (A Instituição do Cristianismo). *Servet* atacou o calvinismo em muitas frentes, incluindo a Trindade e a sua doutrina de que uma vez salvo, sempre salvo, que se tornou uma marca do fundador do presbiterianismo. Os dois estudiosos mantiveram um aceso debate através de cartas durante vários anos.

Durante seis anos, *Servet* trabalhou em segredo para produzir a sua obra mais importante, “*Christianismi Restitutio*” (A Restauração do Cristianismo), e isso foi uma bofetada na cara da Instituição de *Calvino*. Enviou o seu livro de 800 páginas a *Calvino* pedindo uma resposta às provas que continha. Calvin encontrou claramente o seu par e ficou indignado com o desafio à sua autoridade (*Calvino* fez com que as pessoas fossem açoitadas por não se dirigirem a ele como “Mestre”). *Calvino* descobriu que o famoso médico, seu

crítico teológico, não era outro senão o herege *Servet*. *Calvino* revelou este facto aos inquisidores franceses que prenderam e aprisionaram *Servet* (o próprio *Calvino* escapou-lhes e rotulou-os de servos de Satanás).

*Servet* escapou da prisão, mas não conseguiu escapar aos agentes de *João Calvino*.

# Procurado por Assassinato: João Calvino

## (Parte 2)

*Miguel Servet* era um fugitivo, procurado pela Inquisição espanhola por heresia e, mais recentemente, por *João Calvino* pela mesma acusação. O brilhante teólogo e médico escreveu livros apelando à Igreja Católica e ao novo movimento protestante para que regressassem às crenças e práticas bíblicas da Igreja primitiva. Sustentou que desde o Concílio de Niceia (325 d.C.) a Igreja tinha caído no paganismo com doutrinas tão antibíblicas como a Trindade e o batismo infantil.

Perseguido pela Inquisição Espanhola, fugiu da sua Espanha natal para França, onde adquiriu um pseudônimo, foi para a universidade e estabeleceu uma nova profissão como médico. Contudo, o seu amor eterno permaneceu nas Escrituras. Usou o seu pseudônimo para iniciar uma animada correspondência com o grande reformador *João Calvino*, um francês que tinha fugido da Inquisição Católica Francesa e se tinha estabelecido em Genebra. O diálogo entre correspondências continuou por muitos anos.

*Calvino*, tal como *Lutero*, é um dos maiores heróis da Reforma Protestante. O seu legado moderno é a Igreja Presbiteriana. Foi um gigante intelectual, semelhante ao seu homólogo católico Inácio de Loyola, fundador dos Jesuítas. Ironicamente, na sua juventude, *Servet*, *Calvino* e *Loyola* frequentaram a Universidade de Paris exatamente ao mesmo tempo, embora transitassem em círculos muito diferentes e *Servet* não usasse o seu nome verdadeiro.

Na verdade, *Loyola* foi o reflexo de *Calvino*. “Fisicamente, ambos eram pequenos, magros, frágeis, mal-humorados e constantemente atormentados por doenças. Espiritualmente, ambos eram intensos, empenhados, indomáveis e completamente convencidos da sua piedade” (*Lawrence e Nancy Goldstone*, “*Out of the Flames*” (Fora das Chamas), Broadway Books, Nova Iorque, 202, p. 204).

A certa altura, *Servet* enviou a *Calvino* uma crítica detalhada da “*Institution of Christianity*” (Instituição do Cristianismo), a magistral obra teológica de *Calvino*. Claramente, *Calvino* encontrou um rival intelectual e ficou irritado porque a sua doutrina foi posta em causa. *Calvino* não tolerava pacientemente as críticas. *Servet* enviou-lhe também o seu próprio trabalho, “*The Restoration of Christianity*” (A Restauração do Cristianismo), de 800 páginas, pedindo-lhe que o refutasse.

### Traído por Calvino

*Calvino* foi mais tarde informado de que o seu correspondente crítico não era outro senão o grande erudito e teólogo – e herege – *Miguel Servet*. Rapidamente notificou a Inquisição Francesa (que anteriormente tinha rotulado como instrumentos de Satanás e da qual tinha fugido para Genebra), que prendeu e aprisionou *Servet*. Mas *Servet* escapou de novo e dirigiu-se para o Reino de Nápoles, onde sabia que poderia encontrar proteção e continuar a escrever.

Mas *Servet* cometeu o grande erro de passar por Genebra a caminho de Nápoles. Genebra era a cidade de *João Calvino* e os seus inimigos chamavam-lhe Papa Protestante porque governava com mão de ferro. Por acaso, chegou na véspera do “sábado” (domingo), quando não haveria navios a atravessar o lago para Zurique. Desejando passar despercebido, e sendo obrigatória a frequência da igreja, a 13 de agosto de 1553 frequentou a igreja da Madalena.

De todas as igrejas de Genebra, escolheu por acaso aquela onde *Calvino* pregou. Terá sido por acidente ou de propósito, uma vez que queria ver pessoalmente o homem cuja carta tinha debatido tão ativamente? Talvez acreditasse que o seu protagonista poderia recebê-lo de braços abertos. Não foi assim.

## Preso por Calvino

Os agentes de *Calvino* viram *Servet* na igreja, notificaram *Calvino*, que ordenou imediatamente que *Servet* fosse preso, o seu dinheiro e os seus pertences confiscados e ele preso. *Calvino* colocou-o numa cela infestada de piolhos e ordenou que as janelas fossem fechadas. Em poucas horas, toda a Genebra soube da sua prisão. A detenção, claro, foi ilegal, uma vez que *Servet* não era cidadão de Genebra nem tinha cometido qualquer crime ali. Mas *Calvino* era o responsável.

A lei local exigia que fosse apresentada uma acusação no prazo de vinte e quatro horas após a detenção. Para cumprir o prazo, *Calvino* trabalhou toda a noite a elaborar uma lista de trinta e nove acusações. A lista variava desde acusações de publicação de literatura herética atacando a Trindade, o batismo infantil, a predestinação e a pré-existência de Cristo, até à crença em doutrinas blasfemas, desrespeito pela doutrina aceite pela igreja (a de *Calvino*) e falta de respeito insultuoso. Talvez a mais tola das acusações fosse a de que tinha infringido a lei ao escapar à Inquisição Católica – um “crime” de que a maioria dos cidadãos de Genebra também era culpada.

## Acusado por Calvino

O processo perante o Concílio começou rapidamente a 14 de agosto, com interrogatórios de *Servet* e exames dos seus escritos. O julgamento continuaria com interrupções frequentes até que a sua sentença de morte fosse executada a 27 de outubro.

*Servet* teve o concílio negado, embora esta fosse a prática habitual nos julgamentos. Foi-lhe também negada a troca de roupa, pois era necessário viver numa cela cheia de sujidade e vermes. No frio de outubro, pediu uma muda de roupa e agasalhos, mas foi-lhe novamente negado.

Apesar das circunstâncias infelizes, aceitou o debate frente a frente com o seu adversário intelectual e o líder do protestantismo. Este foi o clímax de uma correspondência de quase vinte anos em que a doutrina e as Escrituras foram contestadas.

O que estava em causa não podia ser mais importante para *Servet*. Sabia que a sua vida estava em jogo e *Calvino* já era famoso pela sua crueldade para com aqueles que se lhe opunham ou eram acusados de heresia.

A filosofia de *Calvino* era que era melhor castigar com demasiada severidade do que com demasiada brandura quando se tratava de “honrar a Deus”. No relato mais erudito e exaustivo do caso *Servet*, *Marian Hillar* relata alguns factos sobre *Calvino* “*The Case of Michael Servetus – The Turning Point in the Struggle for Freedom of Conscience*” (O Caso de Miguel Servet – O Ponto de Viragem na Luta pela Liberdade de Consciência), “*Texts and Studies in Religion*” (Textos e Estudos em Religião), vol . 74, *Edwin Mellen Press*, 1997, p. 288:

Um burguês sorriu enquanto assistia a um batismo: três dias de prisão. Outro, cansado num dia quente de verão, adormeceu durante o sermão: prisão. Dois barqueiros lutaram, em que ninguém ficou ferido: execução. Um homem que protestou publicamente contra a doutrina reformista da predestinação foi impiedosamente açoitado e expulso da cidade.

Um impressor de livros que insultou *Calvino*, embriagado, foi condenado a ter a língua trespassada com um ferro em brasa antes de ser expulso da cidade. *Jacques Gruet* foi torturado e depois executado simplesmente por ter chamado hipócrita a *Calvino*.

Nesta Nova Jerusalém [de *Calvino*], durante os primeiros cinco anos da sua ditadura, treze pessoas foram enforcadas, dez foram decapitadas, trinta e cinco foram queimadas e setenta e seis foram expulsas da cidade.

Tal como *Lutero*, *Calvino* pregou muitas vezes uma teoria de tolerância e contra a vingança, mas na prática estas revelaram-se palavras vãs. Lutero escreveu um dia no início da sua carreira: “A queima de hereges é contrária à vontade do Espírito Santo”. Esses sentimentos evaporaram-se.

## Tempos Sangrentos

É claro que os tempos eram diferentes no século XVI, mas os primeiros reformadores aparentemente aprenderam com os inquisidores católicos como lidar melhor com a oposição.

Não só houve poucas mudanças doutrinárias entre os reformadores, como continuaram as práticas cruéis contra a dissidência. Os católicos massacraram protestantes por vezes em números de até trinta mil de cada vez. eclodiram guerras entre reinos protestantes e católicos, grandes e pequenos. Após o julgamento de *Servet*, o reinado de terror acelerou.

Protestantes e católicos – calvinistas e jesuítas – cavaram trincheiras eclesiásticas, dois grandes exércitos preparados para devastar.

Conhecer a história da Europa durante os próximos cem anos é maravilhar-se com o facto de a raça humana ter sobrevivido. De 1616 a 1648 [a Guerra dos Trinta Anos], os católicos lutaram contra os calvinistas, os calvinistas contra os luteranos, os *Habsburgos* contra os *Bourbons*, os nacionalistas contra os imperialistas. O naufrágio era impensável.

As cidades foram visitadas vezes sem conta por uma sucessão de exércitos saqueadores que mataram, queimaram, violaram, roubaram todos os restos de comida à vista e depois arruinaram os campos para que nada mais pudesse ser cultivado. Na Holanda comiam ratos e couro para sobreviver; na Alemanha comiam-se uns aos outros. Nenhuma estatística é mais assustadora do que esta: havia 21 milhões de pessoas a viver na Alemanha em 1618, no início da guerra; em 1648, no final da guerra, restavam apenas 13 milhões. A praga não foi tão eficaz. (*Goldstones*, pág. 210, 214)

*Servet* não tinha ilusões de que *Calvino* e a sua corte lhe concederiam clemência, mas esperava prevalecer na questão da ilegalidade do julgamento ou, na sua falta, no mérito bíblico das suas crenças. É claro que ele poderia retratar as suas crenças, demonstrar servilismo e pedir perdão a *Calvino* na esperança de receber um castigo pouco letal, uma opção que *Calvino* aparentemente nunca considerou.

O tribunal de *Calvino* quebrou os seus próprios procedimentos ao negar o pedido de *Servet* para um advogado de defesa. *Servet* foi forçado a agir como o seu próprio defensor e a preparar-se para o julgamento numa cela escura e suja. Tinha de ser *Servet* sozinho contra os capangas do calvinismo.

## O Julgamento do Século

*Calvino* sentou-se no camarote do procurador com muitos dos seus ministros por perto. Dispararam acusações e perguntas contra *Servet* para abalar os alicerces da sua posição. *Servet* estava mais do que à altura de qualquer uma das linhas de interrogatório e, com o tempo, os procuradores ficaram frustrados.

*Calvino* levantou-se e assumiu o controlo do interrogatório dos seus subordinados. Como escrevem *Lawrence e Nancy Goldstone* no seu livro “*Out of the Flames*”,

As trocas foram intensas, rápidas e eruditas. Talvez não houvesse outra pessoa na Europa que os pudesse igualar. ...A cada passo, *Calvino* atacava e *Servet* contra-atacava.

A acusação geral era de heresia. *Servet* ensinava que a Trindade estava ausente das Escrituras e era um erro grave; e ensinou que o batismo das crianças também é antibíblico. Apresentou também uma defesa apaixonada da liberdade religiosa – um conceito revolucionário na época.

Sobre este último ponto, o procurador criticou-o por considerar que a sua ideia de liberdade religiosa e de liberdade de consciência constituía uma ameaça política e uma subversão da justiça:

“É evidente que *Servet* é um dos hereges mais audazes, presunçosos e perniciosos que já existiram. Além disso, não satisfeito com o mal que causou, quer subverter toda a ordem da justiça e privar o magistrado do direito de castigar com a espada, direito que lhe foi concedido por Deus. Mas não há necessidade de ficar confuso, porque a sua consciência o condena e defende a morte. E para evitar este castigo quis propor uma doutrina tão falsa que os criminosos deviam ser punidos com a morte” (*Hillar*, p. 293).

O procurador no julgamento descreveu a doutrina da liberdade religiosa de *Servet* como a propagação de comportamentos criminosos, isto é, heresia. Se o Estado concedesse que as pessoas pudessem acreditar no que quisessem, eliminaria o direito dos magistrados de as matar, o seu “direito dado por Deus”. Na sua opinião, o mundo de *Servet* seria um mundo horrível, uma vez que os hereges já não poderiam ser queimados, decapitados ou torturados.

O ensaio consistiu em quatro fases com muitas sessões em cada fase. Na última fase, *Calvino* estava determinado a tornar a sentença de *Servet* mais severa para que a sua morte fosse garantida. Invocou o testemunho de *Bucer*, um associado, que disse que *Servet* “merecia que lhe arrancassem as entranhas”.

Com a sua execução quase certa, *Servet* implorou a *Calvino* que o decapitasse com uma espada em vez de morrer na fogueira, temendo não ser capaz de permanecer fiel sob a dor prolongada. *Calvino* não atendeu ao seu pedido; em vez disso, encomendou lenha verde para a pira, para que ardesse lentamente, e enxofre na cabeça de *Servet*, para que, quando as chamas atingissem o pico, esta fosse acesa com calor intenso e sofrimento adicional.

# Procurado por Assassinato: João Calvino

## (Parte 3)

Nas partes anteriores apresentámos a indiscutível evidência histórica de que *João Calvino* mandou queimar *Miguel Servet* na fogueira. A acusação contra ele, não provada, era uma heresia. Qual foi a heresia de *Servet*?

O teólogo e médico espanhol ensinava contra o batismo das crianças e a doutrina da Trindade. Esteve envolvido em intensa discussão académica com Calvino por carta durante mais de uma década. *Servet* sustentou que nenhuma das doutrinas tinha raiz nas Escrituras; na verdade, ele forneceu provas detalhadas de que ambas as doutrinas eram contrárias às Escrituras e aos princípios bíblicos.

O seu livro académico, “*Errors of the Trinity*” (Erros da Trindade), foi um ataque frontal à doutrina católica e protestante sobre a natureza de Deus e do seu Filho. Disse que “inventaram três deuses ou um Deus trino”, um conceito estranho às Escrituras. Falando da doutrina da Trindade, estabelecida no século IV, disse: “Esta praga da filosofia foi-nos trazida pelos gregos... eles nunca compreenderam as passagens das Escrituras que aduziram sobre este assunto”.

Ele também observou que “os judeus também estavam relutantes em aderir a esta nossa fantasia [“cristã”], e foram levados por nossa vertigem sobre a Trindade e a causa de suas blasfêmias, na crença de que este era o Messias prometido em sua Lei”. *Servet* estava bastante familiarizado com o pensamento judaico, uma vez que a sua Espanha natal foi fortemente influenciada por séculos de cultura judaica. *Servet* encontrou judeus que lhe ensinariam secretamente o hebraico bíblico, cujo ensino tinha sido proibido pela Igreja Católica.

### Finalmente Preso

Por uma estranha reviravolta do destino, *Servet* esteve finalmente frente a frente com *João Calvino*, o grande reformador, teólogo e fundador do que viria a ser a Igreja Presbiteriana. *Servet* tinha escapado da prisão e fugia do longo braço da Inquisição Francesa quando parou em Genebra a caminho de um santuário seguro no norte de Itália.

É de notar que foi *Calvino* quem alertou a Inquisição Francesa sobre o paradeiro e o verdadeiro nome de *Servet* (estava a usar um pseudónimo em França porque tinha uma sentença de morte contra ele pela Inquisição Católica Espanhola), o que resultou na sua prisão. Os católicos também o rotularam de herege pelas suas crenças contrárias à Trindade e ao batismo infantil.

Genebra era a base de *Calvino* e este governava-a com vara de ferro. Todos os cidadãos eram obrigados a frequentar a igreja. *Servet*, que estava em fuga, não querendo ser visível, dirigiu-se a uma igreja em Genebra. O pregador daquele domingo não era outro senão o Reformador. *Servet* foi reconhecido por um dos homens de *Calvino* e, quando lhe foi dito que o seu protagonista estava presente, *Calvino* ordenou que fosse preso nesse domingo, 13 de agosto de 1553, e atirado para a prisão.

Os capítulos anteriores descreviam o julgamento contra a defesa de *Calvino* e *Servet* perante um tribunal repleto de juízes que agiam sem jurisdição legal (*Servet* não era cidadão de Genebra, não tinha cometido qualquer crime e estava de passagem pela cidade). O resultado foi determinado antes de os argumentos serem ouvidos. Durante todo o processo, que durou meses, *Servet* esteve fechado numa cela suja e infestada de vermes, e não lhe foi permitido trocar de roupa.



A certa altura do julgamento, o debate passou da Trindade para outras questões. *Servet* atacou a doutrina da predestinação de *Calvino*, que era o centro da teologia de *Calvino*. Atribuiu a *Calvino* o facto de ter seguido Simão, o Mago, que *Servet* considerava o pai daquela odiosa doutrina.

Além disso, disse que a doutrina de *Calvino* sobre o pecado original, a depravação total e o determinismo reduziram o homem a um “tronco” e a uma “pedra”. Não cedeu à insistência de *Calvino* para que confessasse a existência eterna do Filho, sustentando que Jesus Cristo era o Filho de Deus, mas não se tornou assim até ser gerado na terra, como documentado nos relatos dos Evangelhos.

### **Queimado Sem Misericórdia**

Quando *Miguel Servet* soube que *Calvino* o iria matar independentemente dos méritos dos seus argumentos (todos os quais *Calvino* não conseguiu refutar), pediu misericórdia. Implorou a *Calvino* que lhe cortasse rapidamente a cabeça com uma espada, em vez de o queimar na fogueira, temendo que não fosse capaz de permanecer fiel sob a dor esperada.

Ignorando os pedidos de misericórdia, *Calvino* ordenou que *Servet* fosse queimado com lenha verde para que o sofrimento fosse prolongado. Ordenou que lhe fosse colocado enxofre na cabeça para que, quando as chamas finalmente atingissem o nível suficiente para atear o enxofre, um calor ainda mais intenso lhe queimasse a cabeça.

Durante toda a provação, *Miguel Servet* não renunciou às suas crenças mais profundas nem à sua inocência. A 26 de outubro, o Conselho oficial dos Duzentos ordenou que *Servet* “seja levado para Champel e aí queimado vivo no dia seguinte juntamente com os seus livros”. Apenas duas acusações foram mencionadas na sua sentença – Antitrinitarismo e Antipedobautismo.

A lei ao abrigo da qual *Servet* foi condenado foi o *Códice de Justiniano*, que prescrevia a pena de morte para a negação da Trindade. Esta lei foi instituída pelo Estado eclesiástico totalitário, cuja moral foi definida pelos interesses do Estado eclesiástico.

O longo texto das acusações foi lido formalmente na sua presença. A principal acusação dizia: “Quem [Servet] é o primeiro a ser acusado de ter impresso há cerca de 23 ou 24 anos um livro em Hagenau, na Alemanha, contra a Santíssima e indivisível Trindade, contendo várias grandes blasfêmias contra ela nas igrejas da Alemanha”.

Duas horas antes da sua execução, solicitou uma audiência com *Calvino*, que aceitou e veio com dois dos seus tenentes. Temos apenas o relato de *Calvino* sobre a reunião. Escreveu sobre *Servet*: “Lembrei-lhe gentilmente que durante mais de 16 anos não poupei nada para ganhar para o nosso Senhor.” As justificações moralistas de *Calvino* eram desavergonhadas. Reconheceu que *Servet* ficou “zangado com as minhas boas e santas admoestações... Vendo que nada consegui com as exortações, não quis ser mais sábio do que o meu Mestre me permitiu. Por isso, seguindo a regra de S. Paulo, separei-me do herege”.

*Servet* foi conduzido ao local do martírio por um cortejo de arqueiros montados. As pessoas alinhavam-se na estrada, algumas das quais o provocaram para que se retratasse. Duas testemunhas escreveram que *Servet* respondeu que estava a ser morto injustamente e que iria rezar pelos seus acusadores. Um acusador notável foi o teólogo *Farel*, que viajou de Neuchatel para Genebra. Caminhando, instou *Servet* até ao último momento a reconhecer os seus erros e a confessá-los. *Servet* respondeu pedindo uma única passagem bíblica que mostrasse a filiação eterna de Cristo. Para *Farel e Calvino*, *Servet* não foi um mártir da verdade como foram os protestantes queimados pelos católicos franceses, foi um mártir do erro.

A queima de “hereges” por *Calvino* foi moral; a queima de “hereges” protestantes pelos católicos era imoral. Tal era a sabedoria religiosa e a moralidade do cristianismo do século XVI.

*Marian Hillar*, no seu livro sobre *Servet*, descreve o martírio. “Nenhum tipo de crueldade foi poupado para com *Servet*, pois o seu embrulho era composto por feixes de madeira fresca de carvalho, ainda verde, misturada com ramos que ainda tinham folhas. Uma coroa de palha polvilhada com enxofre foi-lhe colocada na cabeça. Estava sentado num tronco com o corpo acorrentado a um poste com uma corrente de ferro, o pescoço amarrado com quatro ou cinco voltas de uma corda grossa. Desta forma, *Servet* foi frito em lume brando durante aproximadamente meia hora antes de morrer. Ao lado dele estavam cópias do seu livro que enviou “confidencialmente” a *Calvino* para “a sua opinião fraterna”.

As suas últimas palavras foram: “Ó Deus, salva a minha alma; “Ó Jesus do Deus eterno, tende piedade de mim”.

## O Início De Uma Contrarrevolução

*Calvino* conseguiu queimar vivo o seu rival inocente, mas ao fazê-lo acendeu um maior fogo de protesto contra a sua doutrina e a sua intolerância para com a consciência religiosa livre.

A notícia do martírio de *Servet* espalhou-se e *Calvino* foi atacado por vários dignitários que o repreenderam por um ato tão cruel.

O martírio de *Servet* tornou-se a centelha e o ímpeto para os homens começarem a clamar pelo direito à liberdade de consciência. Aquilo que hoje tomamos como certo, uma consciência religiosa livre para acreditar abertamente em tudo o que escolhermos, era um conceito estranho ao mundo religioso dos papas e dos protestantes.

A faísca tornou-se uma chama quando a noção de liberdade religiosa, muitas vezes aliada ao anti trinitarismo, começou a espalhar-se. Ardeu com maior intensidade na Polónia, onde um rei católico polaco, *Sigismundo II*, permitiu que luteranos e calvinistas vivessem e rezassem sem serem molestados, referindo que “desejava ser rei tanto das ovelhas como dos bodes”. Na Polónia, até os judeus foram autorizados a viver e a praticar a sua religião abertamente.

Os reformadores italianos *Bernardino Ochino*, *Georgio Blandrata* e *Laelius e Faustus Socinus* fugiram da perseguição em Itália para se refugiarem nos climas mais seguros da Polónia. Abraçaram tanto a doutrina antitrinitária de *Servet* como o seu apelo a um novo humanismo que permitisse a liberdade religiosa. Sob a liderança de *Faustus Socinus*, o movimento prosperou na Polónia e ficou conhecido por Socinianismo. O movimento unitarista evoluiria a partir dele.

O rei *João II* da Transilvânia, um jovem monarca brilhante que falava oito línguas e lia muito, conheceu e converteu-se a um dos reformadores italianos, tornando-se o primeiro e único rei unitarista da história. Em 1558, o rei promulgou a Lei da Tolerância Religiosa e da Liberdade de Consciência. Na sua história de *Servet*, *Lawrence e Nancy Goldstone* comentam que a Lei do Rei, “à luz do que estava a acontecer em todo o mundo (e muito aconteceu desde então), era surpreendente na sua perspicácia, inteligência e sofisticação”. Diz assim:

Por todo o lado os pregadores pregarão e explicarão o Evangelho, cada um de acordo com o seu entendimento do mesmo, e se a congregação gostar, bem, se não gostar, ninguém os forçará porque as suas almas não ficariam satisfeitas, mas ser-lhes-á permitido ter um pregador cujo ensino aprova. Por conseguinte, nenhum dos superintendentes ou outros insultará os pregadores, ninguém será difamado pela sua religião por ninguém, de acordo com os preciosos estatutos, e ninguém está autorizado a ameaçar alguém com prisão ou destituição do cargo por causa do seu ensino. Porque a fé é dom de Deus, vem pelo ouvir, e o ouvir é pela palavra de Deus.

No século seguinte, a opressão regressou e os unitaristas na Polónia e na Transilvânia foram oficialmente suprimidos. A maioria foi obrigada a fugir para a Europa Ocidental, Inglaterra e América. Trouxeram consigo as suas crenças unitárias e a sua ardente busca pela liberdade religiosa. Alguns dos grandes

pensadores dos séculos XVII e XVIII abraçaram o apelo de *Servet* à liberdade de consciência, embora nem todos tenham abraçado a sua doutrina. Alguns, como *John Milton*, *Isaac Newton*, *Robert Boyle*, *John Locke* e *Montesquieu*, abraçaram ambas as doutrinas.

O grande *Voltaire* (nascido *François-Marie Arouet*) fez de *Servet* um dos seus temas preferidos e dedicou-lhe um capítulo inteiro num dos seus livros, chamando-lhe “um médico muito culto” e atribuindo-lhe, com razão, a descoberta da circulação do sangue e a sua função. Tornou-se a consciência da Europa e obrigou todo o mundo cristão a examinar os fundamentos da sua fé. Inaugurou o período chamado Iluminismo – para o bem e para o mal. Os seus melhores atos foram aqueles em que defendeu pessoas que sofriam perseguições religiosas.

O seu caso mais famoso, o caso Calas, envolveu um infeliz huguenote que não fugiu de França e foi falsamente acusado de crimes que não cometeu. O inocente *Jean Calas* foi estrangulado até à morte pelas autoridades católicas, amarrado a uma estaca e queimado. As suas duas filhas foram forçadas a entrar para um convento. Um filho escapou e foi pedir ajuda a *Voltaire*. *Voltaire* iniciou um fundo de defesa cujos contribuintes incluíam *Catarina*, a Grande, da Rússia, *Carolina*, mulher do rei *Jorge II* de Inglaterra, e *Augusto III*, rei da Polónia. *Voltaire* ganhou o caso, resultando na exoneração de *Calas*, na libertação das suas filhas do convento e numa grande indemnização para a família *Calas*.

O movimento antitrinitário que surgiu do martírio de *Servet* espalhou-se pela Inglaterra, onde foram aceites, mas chamados de “dissidentes”. Fundaram as suas próprias escolas que incentivavam a livre investigação em religião, ciência, história, política e outras disciplinas académicas.

“O resultado.” Os *Goldstone* escrevem que “foi um número desproporcional de dissidentes que se tornaram as principais mentes científicas da época. Um homem em particular incorporou esta busca de reconciliação da ciência e do espírito: o grande químico inglês *Joseph Priestley*. Nasceu em 1733 e aos dezasseis anos já dominava o grego, o latim e o hebraico, bem como o francês, o italiano e o holandês. *Priestley* seguiu o caminho de *Servet* de traçar as raízes da Trindade até ao Concílio de Niceia, rejeitando as tradições corruptas fora das Escrituras e acreditando em Cristo como um homem que foi feito divino pelo Deus Único.

Embora seja recordado pelas suas brilhantes descobertas científicas (em 1766 conheceu *Benjamin Franklin* em Londres, que o incentivou a escrever uma história da eletricidade), considerava-se sobretudo um teólogo. Opôs-se ao lucrativo comércio de escravos e foi um defensor declarado da Revolução Americana. Como era o dissidente mais famoso de Inglaterra, uma multidão enfurecida incendiou a sua casa uma noite, incluindo a sua extensa biblioteca e cadernos de todas as suas pesquisas científicas não publicadas. Perseguidos pela multidão, ele e a sua família fugiram da região e depois atravessaram o Atlântico para os Estados Unidos.

*Priestley* fundou uma Sociedade Unitarista em Filadélfia e recebeu uma oferta de professor de química na Universidade da Pensilvânia e da presidência da Sociedade Filosófica Americana.

*Priestley* e *Thomas Jefferson* conheceram-se em 1797 e *Jefferson* tornou-se uma espécie de mentor para ele. Partilhavam profundos interesses científicos, e as opiniões religiosas de *Priestley* também afetaram as de *Jefferson*. *Jefferson* sempre foi antitrinitário e leu sobre o martírio de *Servet*, todas as obras de *Voltaire* e partilhou as opiniões de *Priestley* sobre a liberdade religiosa.

*Jefferson* considerava *João Calvino* um dos piores criminosos da história, um tirano que gerou outros tiranos em seu nome. O acontecimento que expôs *Calvino* pelo que ele era, que melhor personificou a sua hipocrisia, foi o julgamento e execução de *Miguel Servet*.

Uma das três coisas pelas quais *Jefferson* queria que fosse recordado no epitáfio da sua lápide era como “Autor do Estatuto de Liberdade Religiosa da Virgínia”. Os outros dois foram “Autor da Declaração de

Independência dos Estados Unidos” e “Pai da Universidade da Virgínia”. Não incluiu a sua presidência nem o seu papel na elaboração da Declaração dos Direitos da Constituição.

*Jefferson* escreveu um dia: “Espero confiantemente que a geração atual veja o Unitarismo tornar-se a religião geral dos Estados Unidos”. Em 1822, todas as igrejas de Boston, exceto uma, eram unitárias e o movimento estava a crescer. Muitos americanos famosos, como *Samuel F.B. Morse*, inventor do telégrafo, e o poeta e orador *Ralph Waldo Emerson*, eram unitaristas. Mas atingiu o seu auge nas décadas de 1840 e 1850, mas o espírito de inclusão e de livre investigação continua vivo, em parte graças a *Michael Servetus*. Não, obrigado a *João Calvino*.